Uma nota de Mindy Kaling

Nunca consegui resistir a uma história sobre a passagem à idade adulta. Foi assim que me apaixonei por *Não Devia Ser Assim*, uma encantadora comédia romântica sobre Charlotte Wu, uma finalista do secundário ambiciosa e obcecada com objetivos, que dá por si numa situação muito estranha.

Charlotte é uma aluna prodigiosa, foi aceite numa boa universidade, e já quase conseguiu que a sua paixoneta reparasse nela. Mas quando cai de um escadote ao pendurar decorações para o baile de finalistas, Charlotte acorda numa cama que não lhe é familiar, com trinta anos, e percebe que está noiva do seu arqui-inimigo. Os dois opostos são forçados a trabalhar juntos para descobrir como voltar a ter dezassete anos, e percebem que há mais na vida além de cumprir objetivos.

Tal como *Eu Nunca…* e *De Repente, Já nos 30!*, o romance de Amy Lea recordou-me que os sentimentos entusiasmantes e complicados da nossa adolescência nunca desaparecem verdadeiramente.

Lista de Objetivos para o Secundário da Charlotte Wu

(Escrita por Charlotte Wu, aos 13 anos — A ser cumprida por Charlotte Wu até acabar o secundário, aos 17 anos)

- ~~Pertencer à associação de estudantes, ao senado estudantil e ao comité do livro de curso~~
- ~~Quadro de honra todos os anos, idealmente no topo~~
- Tirar a carta de condução (não cumprido. não quero falar disso.)
- ~~Ser convidada para a festa de fim de ano do Tony Freeman~~
- Tornar-me presidente da associação de estudantes (sabotada impiedosamente)
- ~~Conseguir boa nota nos exames de acesso à faculdade~~
- Passar a Semana de Finalistas com a Kassie (em progresso)
- Ser convidada para o baile (a ver navios...)
- Baile de finalistas mágico (em progresso)

Um

Um mês até ao baile de finalistas

O baile de finalistas é a noite mais importante da vida de uma adolescente, e não me consegues convencer do contrário. Sei o que estás a pensar: é sobrevalorizado, é igual a qualquer outro baile. E, claro, pode correr terrivelmente mal de um número infinito de maneiras:

- O teu par pode trocar-te pela sua *ex* mais atraente, deixando-te a sofrer num canto escuro enquanto toda a gente dança romanticamente ao som da música que *tu* pediste.
- As almofadas de silicone para aumentar o decote que enfiaste no teu sutiã podem cair quanto te baixas um pouco demais na pista de dança. (Como achas que sei isto?)
- Um totó da banda bêbedo pode projetar vómito de ponche de cereja pelo teu vestido.
- Podes passar a noite inteira a perseguir o rato de laboratório cheio de doenças que alguém libertou, enquanto toda a gente assiste horrorizada.

As coisas podem mesmo ir de calmas a trágicas num milésimo de segundo. Acredita, eu vi o *Carrie* original. Mas esquecendo a rainha do baile ensanguentada, telecinética e mortífera, diz-me uma ocasião melhor para assinalar o fim de quatro anos laboriosos de Olimpíadas sociais e académicas. É o ritual de passagem que merecemos. Uma

noite fabulosa para trocar aqueles livros de preparação para os exames marcados pelas lágrimas por roupa formal a um preço exorbitante que nunca vais voltar a usar. Uma noite para esqueceres que a tua faculdade de sonho te foi injustamente negada. A tua última noite para seres adolescente, antes de a idade adulta te surpreender com um pontapé nas partes íntimas.

Enquanto vice-presidente da associação de estudantes, levar a cabo uma noite mágica para recordar ternamente quando estiver enrugada, frágil e a exigir um desconto de terceira idade no meu gelado de rum e uva passa é algo que levo muito a sério.

Foi por isso que passei todo o fim de semana obcecada com a minha apresentação em PowerPoint: *A Volta ao Mundo numa Noite Mágica*. Inclui um orçamento pormenorizado, fornecedores de comida e uma lista de DJ e itens de decoração muito bem avaliados, incluindo balões do mundo translúcidos e gravados em tons dourados que cintilam quando a luz bate do ângulo certo.

Estou sentada à mesa da cozinha, a agonizar sobre a cor da letra, quando a minha mãe entra, de cabelo loiro desgrenhado numa trança francesa de há dois dias. Ainda está de pijama, apesar de ter de estar a trabalhar na farmácia em menos de meia hora.

— Há quanto tempo estás acordada? — pergunta, pondo-se em bicos dos pés para tirar a sua caneca vermelha de «Futura Autora *Bestseller*» do armário. Ela ainda não publicou um livro, mas encontro-a várias vezes debruçada sobre o portátil às tantas da noite, a beber *Red Bulls* e a escrever febrilmente até os olhos já não aguentarem estar abertos.

— Deitei-me cedo. Levantei-me mais ou menos à mesma hora que tu te deitaste — contraponho, enchendo a boca com uma colherada de papas de aveia ao ver as horas no meu computador.

— Estas olheiras valeram a pena. Sabes porquê? — Noto o entusiasmo na sua expressão, e não é por eu lhe ter preparado café. — Finalmente resolvi aquela ideia para o segundo ato que andava a remoer.

— Queres contar-me no carro? Temos de sair daqui a pouco — relembro-a, enquanto ela serve calmamente o seu café. Estar atrasada é inevitável com a minha mãe, daí eu normalmente optar por ir de bicicleta para a escola. Infelizmente, a minha bicicleta ainda está a ser

reparada pelo Médico das Biclas (ou seja, o *hacker* de treze anos ao fundo da rua que também repara bicicletas de forma barata).

A mãe encosta a anca descontraidamente à bancada e começa a ver o telemóvel.

— Temos imenso tempo.

Não temos mesmo, mas não me dou ao trabalho de discutir. Adoro a minha mãe, mas ela é o meu oposto em quase todos os aspetos. Parece uma guerreira loira e de olhos azuis saída das filmagens da série *Vikings*, enquanto eu sou asiática, de pequena estatura, com cabelo escuro e olhos da «cor do abismo» (um elogio disparatado de um ex-namorado meu).

Ao contrário de mim, a mãe nunca tem pressa até ao último segundo e está sempre a esquecer-se de coisas importantes, como um sutiã, por exemplo. Ela sempre foi assim, mesmo antes de o meu pai ter ido embora. Mas ficar encarregada de ser mãe solteira só piorou a sua falta de pontualidade. Aos nove anos, colei um horário de atividades extracurriculares organizado por cores no frigorífico, para que ela deixasse de se esquecer de me ir buscar às aulas de natação. Com o passar dos anos, fazer listas e horários tornou-se a minha versão de meditação. Acalma-me os nervos quando as coisas começam a descontrolar-se.

Segurando a caneca fumegante, a minha mãe espreita para o ecrã por cima do meu ombro, ainda sem pressa.

— Como está a correr o PowerPoint? Estou a ver que voltaste a mudar o fundo.

— A estética é importante — explico nobremente.

— Não achas que dezassete *slides* é um exagero?

— Ei, comecei com vinte e cinco. Esta é a versão resumida. — *A magia está nos pormenores*, não é? Devo admitir que acabei de inventar essa citação, mas tenho a certeza de que alguém sábio já a disse em algum momento da História.

Ela cai no lugar à minha frente com um olhar compreensivo, mas intrigado.

— Nem acredito que faltaste à grande festa do Tony Freeman.

— Mãe, és a primeira mãe na História a ficar desiludida por a filha menor não se ter embebedado na maior festa do ano. — Na verdade,

a minha mãe encoraja ativamente que eu vá a festas, algo que ela nunca fazia com a minha idade. Os pais dela (meus avós) eram implacavelmente austeros. Por isso, agora ela tenta viver através de mim.
— A Kassie disse que havia universitários lá — acrescento.

— Que eu saiba, tu vais estar na faculdade daqui a — ela faz uma pausa, verificando o seu relógio de pulso imaginário — três meses.

— Exato. E não posso deixar o secundário para trás até ter planeado o baile de finalistas perfeito. — O baile é o último objetivo que resta da minha lista para o secundário. Não vou estar em paz até o cumprir.

— Pois. A lista de objetivos — diz ela num tom monótono, deslizando pela cadeira e esticando as pernas compridas. Ela acha ridículo medir o sucesso do meu percurso no secundário segundo uma lista que fiz aos treze anos. Talvez seja. Mas não há sensação melhor do que riscar cada objetivo cumprido, um a um.

Dirijo-me ao lava-loiça para passar a minha taça por água, com esperança de que ela perceba a dica e se vá vestir.

Em vez disso, ela estica os braços acima da cabeça e boceja.

— Só espero que estejas a dar prioridade à diversão. Levaste-te ao limite com a preparação para os exames e a candidatura à faculdade. Não queres aproveitar a vida? Viver um pouco em vez de ficares stressada com coisas que não consegues controlar? — Ela diz isto como se não ficar stressada fosse uma escolha fácil. Como se eu pudesse simplesmente optar por não o fazer.

— Não — respondo, entre o tilintar dos pratos e o murmúrio de água da torneira. — Prefiro ficar obcecada com tudo o que pode correr terrivelmente mal. Além disso, apanhar erros gramaticais em PowerPoints é um entusiasmo subestimado.

Ela solta uma risada.

— Minha pequena viciada em adrenalina. Mas a sério, não tenhas tanta pressa em ser adulta.

— Porque não? Podes fazer o que quiseres. Comer o que quiseres. Até podes comprar um animal de estimação — realço, tentando afastar a recordação da minha mãe a esquecer-se de alimentar o meu peixe-dourado enquanto eu estava no campo de férias. Descansa em paz, *Herbert*.

— Lamento informar-te, mas a vida adulta não passa de um ciclo interminável de tarefas, obrigações, pesquisar no Google como arranjar coisas e gastar dinheiro em coisas que odeias. Como esponjas e detergente da loiça. — Ela faz um gesto na direção do lava-loiça atrás de mim.

Talvez para ti. Mas não o digo em voz alta.

— Ei, essa esponja de aço inoxidável é uma grande ajuda para nós. Foi um bom investimento.

A minha intervenção suscita um abanar de cabeça irónico.

— O que quero dizer é que passo metade do tempo a fingir que sei o que estou a fazer, e a outra metade a ignorar todos os meus problemas, com a esperança de que desapareçam. Alerta *spoiler*: não desaparecem. E nem me faças falar do teu corpo. Num momento estás a comer pacotes inteiros de batatas fritas, e no próximo estás a misturar Metamucil na água e a usar uma compressa térmica nas costas. — Ela finge estalar as costas para efeito dramático.

— Uau, mãe. Obrigada pela visão pouco animadora.

— A vida adulta é assim — diz ela, com um encolher de ombros a sugerir «vais ver quando fores mais velha».

Cheia de otimismo em relação ao meu futuro incerto, pego na minha mochila junto à porta.

— Prefiro o Metamucil e as dores de costas a ser uma adolescente com hora de ir para a cama. Mas primeiro…

— O baile — completou a Mãe.

Dois

Infelizmente, outros estudantes não estão tão empenhados em levar a cabo o ritual de passagem adolescente perfeito.

A reunião da associação de estudantes para o planeamento do baile começou há quinze minutos e o nosso querido presidente ainda não apareceu.

A Kassie (secretária e melhor amiga), o Ollie (encarregado da angariação de fundos) e a Nori (visão criativa) não parecem incomodados com o atraso do nosso líder. A Kassie e a Nori parecem demasiado ocupadas a prestar atenção a cada palavra do Ollie. Ele sabe sempre os mexericos mais recentes da Escola Secundária de Maplewood, e hoje não é exceção.

— Dois miúdos do clube de teatro foram apanhados a comerem-se na sala de pesos esta manhã — explica ele, erguendo as suas espessas sobrancelhas de forma sugestiva. — Foi a treinadora Tanner que me contou.

A Nori empoleira-se na cadeira como uma coruja, quase como se já estivesse com um pacote de pipocas na mão, pronta a ouvir o resto.

— A comerem-se *até que ponto*?

O Ollie faz um gesto indecente que me revela mais do que precisava de saber.

A Kassie solta um som de choque, como se ela e o Ollie não tivessem feito bem pior. Como aquele encontro na casa de banho, na festa do

meu décimo sexto aniversário. Não uso aquela casa de banho desde então.

— Na sala de pesos? É preciso ter tomates.

Bufo.

— Literalmente.

Eles passam os doze minutos seguintes a partilhar outros rumores sobre pessoas a enrolarem-se em diferentes lugares da escola (incluindo a secretária do diretor Proulx). Entretanto, cerro o maxilar, afio demasiado o meu lápis e observo o relógio.

Estou prestes a sugerir que iniciemos a reunião sem o Sr. Presidente quando a porta se abre de rompante. Todos festejam, sem se mostrarem incomodados de todo. Claro que o fazem. Toda a gente adora o J. T. Renner.

— O treino de atletismo atrasou-se — anuncia ele, sem pedir desculpa, com o largo peito inchado, como se nem Deus lhe conseguisse tocar. A *T-shirt* de hoje é particularmente justa, com o tecido esticado em volta dos seus bíceps, numa tentativa pouco discreta de acentuar os músculos. Não me interpretes mal, não tenho nada contra músculos. Enquanto totó magricela sem nenhum talento atlético, tenho inveja das pessoas que conseguem abrir garrafas de água com facilidade e subir escadas sem perder o fôlego. No entanto, tenho o direito de reclamar quando esses músculos pertencem ao Renner, cujo rosto convencido faz com que me queira atirar para um buraco de minhoca.

— Não tem mal, Renner. Não é como se tivéssemos outros sítios onde estar. — Faço com que a minha voz seja extremamente doce enquanto ele cai no lugar ao meu lado, esticando as suas pernas anormalmente compridas sob a mesa. A sua sapatilha esquerda está a poucos centímetros da minha sabrina mostarda, algo que não me agrada de todo.

Ele lança-me o seu olhar chateado. É o que faz sempre que alguém usa o seu apelido. Toda a gente lhe chama J. T.

— Perdi alguma coisa importante? — pergunta, estendendo um braço bronzeado para pegar numa nas barritas de granola sem frutos secos que forneci generosamente.

Dado que sou uma adolescente de dezassete anos muito madura, puxo a pilha de barritas de granola uns centímetros para a esquerda.

Se as queres, trabalha por isso, idiota. Ainda assim, ele consegue agarrar uma com as suas malditas patas.

— É só a reunião mais importante até agora — digo com pedantismo.

Ele rasga o invólucro da barrita como um chimpanzé enquanto efetua uma dura inspeção à minha camisola de gola alta e saia axadrezada a combinar.

— Linda roupinha, Char. O verde-diarreia é mesmo a tua cor.

— Obrigada. Vesti-a para combinar com os teus olhos — retruco. Para que conste, a minha camisa é verde-azeitona.

A Nori abana a mão como uma varinha, lançando um feitiço a fingir para dissolver a tensão.

— Malta, tenho um consulta por FaceTime com o meu curandeiro de energia daqui a quarenta minutos. Vamos lá começar.

O Ollie abre uma página novinha em folha no seu caderno.

— Vamos rever o orçamento depois da projeção da venda de bilhetes — começa ele, quase sem reprimir um risinho quando a Kassie lhe acaricia a coxa por baixo da mesa.

Era inevitável que a Kassie ficasse caidinha pelo Ollie, sem dúvida um giraço (imagina o Michael B. Jordan, vinte anos mais novo), no primeiro dia do secundário. Bastou uma olhadela aos seus ombros largos de defesa e a sua paixoneta pelo Renner tornou-se uma memória distante.

Deixa-me contar uma parte importante da história: a Kassie e o Renner conheceram-se num torneio de voleibol de beneficência, poucos dias antes de o secundário começar. Foi assim que curtiram contra uma árvore, num momento escaldante, mas sem significado algum. Assim que a Kassie conheceu o Ollie, rapidamente esqueceu a *vibe* pateta tipo Noah Centineo do Renner, os seus olhos verdes como a espuma do mar (que infelizmente não se parecem com diarreia) e os seus caracóis desgrenhados que parecem aparas de chocolate.

Tenho noção de que isto dá uma ideia tentadora do Renner. Mas a verdade é que ele parece o filho de todos os desportistas das melhores comédias românticas. O seu superpoder é encantar as pessoas com os seus olhos de cachorrinho e sorriso constante e resplandecente. Considero isto pura feitiçaria.

Simplesmente há algo estranho nas pessoas que sorriem demasiado. Desde o início que suspeitei que ele era bom demais para ser verdade. E ele provou que eu tinha razão.

Deixa-me recuar quatro anos, à primeira semana do secundário. Durante um total de quatro dias e meio, é possível que eu tenha desenvolvido uma paixoneta microscópica pelo Renner (como eu disse, feitiçaria). Ele ficava sentado à minha frente na primeira aula. Todos os dias, ele virava-se, mostrava-me os seus dentes perfeitos e pedia-me emprestada uma das minhas várias lapiseiras. Gastei uma embalagem inteira delas numa semana, mas era o meu momento favorito de cada dia.

Uma manhã, em vez de me pedir uma lapiseira, passou-me um bilhete a perguntar: «Baile de receção? Rodeia Sim ou Não.»

Conter o meu entusiasmo foi complicado. Por dentro, eu estava a fazer a roda e a saltar de alegria. Mas, por fora, simplesmente baixei o queixo num aceno controlado e rodeei «Sim».

Arrependi-me de estar tão contente ao contar à Kassie depois da aula, com o pescoço a arder perante a expressão flagrantemente vazia dela.

— Mas posso voltar atrás e dizer-lhe que não — ofereci-me docilmente, apoiando-me no corrimão. — Sei que te devia ter perguntado primeiro. Só achei que não ias importar-te, agora que estás com o Ollie. Mas percebo, visto que curtiste com ele e…

Ela abanou a cabeça, afastando as minhas palavras com um gesto, antes de subir as escadas.

— Tecnicamente, devias ter perguntado. Mas ele não é o meu tipo, de todo — assegurou ela enquanto eu a seguia. — Não me leves a mal. Estou feliz por ti. Só estou… surpreendida.

Eu nunca imaginara que teria um par para o baile de receção (apesar de estar na minha lista de objetivos para esse ano). Também não percebera que o Renner me via como algo além da amiga irritantemente quadrada da Kassie. Além disso, estou habituada a ser invisível. Se o nosso grupo de amigos estivesse numa comédia romântica, a Kassie seria a personagem principal, a rapariga de sonho radiosa com um riso efervescente. Depois temos a Nori, que segue a sua onda e solta comentários excêntricos. E depois eu. Não sou atrevida, gira ou

divertida. Nem sequer sou encantadora o suficiente para ser a heroína quadrada de colete que «só precisa de se deixar ir de vez em quando». Sou a personagem terciária. A mãe do grupo que cuida de toda a gente em segundo plano, mas que nada faz para avançar o enredo.

Estou a divagar… De volta ao baile de receção. O Renner e o Ollie planearam ir buscar a Kassie e eu a casa dela. Íamos encomendar piza e passar o fim da tarde a preparar-nos no quarto dela, a fantasiar sobre os nossos futuros encontros duplos.

— Não te esqueças de trazer rebuçados de menta. De certeza que ele te vai beijar — declarou a Kassie, retocando o meu nariz com pó cintilante.

Animo-me, imaginando o meu primeiro beijo sob as luzes difusas da bola de discoteca.

— Achas?

— Oh, sim. E ele faz uma coisa com a língua… — E pronto. Outro lembrete de que, tecnicamente, o Renner fora da Kassie primeiro. Comentários assim deixavam-me desconfortável, apesar de não serem com essa intenção. Ela estava só a tentar aproximar-se de mim. E, sendo realista, ela não tinha culpa de eu ser pouco confiante.

Apesar de me sentir eternamente secundária em relação à minha melhor amiga, nessa noite sentia-me bonita, no meu curto vestido de cetim rosa-bebé. A Kassie disse que me favorecia as pernas. As minhas bochechas estavam doridas de sorrir em expetativa. Mas quando o Ollie chegou, estava sozinho, com uma expressão solene. Os meus olhos encheram-se imediatamente de lágrimas.

— O J. T., hum… cancelou à última hora. Algo que ver com planos de que se tinha esquecido — explicou apressadamente o Ollie, antes de a Kassie me levar para dentro.

— Há algo que tens de saber sobre o J. T. Ele é um cabrão com as miúdas. Ouvi dizer que anda com uma jogadora de voleibol chamada Tessa, de Fairfax — contou-me a Kassie, limpando o meu rímel borratado com papel higiénico.

— Porque é que não me avisaste? Se eu soubesse, nunca teria aceitado sair com ele. — Funguei sobre o lavatório da casa de banho dela.

Ela soltou um suspiro trémulo, hesitante.

— Ficaste tão feliz quando ele te convidou… não quis rebentar a tua bolha.

— Uh, ele é um parvalhão. Devia enfrentá-lo — disse eu, com os punhos cerrados sobre o colo.

— Não. — O tom dela era firme, os olhos bem abertos. — Sabes qual é a melhor vingança? Passares uma noite fabulosa, a dançar com todos os amigos dele, e esqueceres-te dele por completo. — Ela estendeu a mão e tirou-me de cima do lavatório.

Contrariamente ao conselho da Kassie, nunca esqueci. Nem perdoei.

O Renner tentou pedir desculpa na primeira aula da segunda-feira seguinte.

— Sei que estás chateada — disse ele.

— Não estou. Só desiludida. Nem sequer tiveste tomates para seres tu a dizer-me. — Esperei que ele revelasse a verdade, que estava interessado noutra pessoa. Mas não o fez. Não ofereceu uma única desculpa.

— Desculpa — soltou ele.

Mantive o olhar fixado no quadro, esperando que ele se virasse e nunca mais falasse comigo.

— Vais aceitar o meu pedido de desculpa? — questionou, tamborilando os dedos na minha secretária.

— Sinceramente, Renner, não te preocupes comigo. Só concordei em sair contigo porque a Kassie me obrigou. — Era tudo mentira, claro. Ele humilhara-me. Eu chorara o fim de semana inteiro, na cama, entre uma névoa de pó de *Cheetos*. Mas não ia deixar que ele soubesse, nem pensar. Já aprendera com o meu pai que a desilusão era inevitável. E ficar triste quando ele não aparecia, como na cerimónia do fim do terceiro ciclo, nunca mudou nada.

— Uau — foi tudo o que o Renner disse, de testa franzida. Depois, voltou-se com um resmungo.

Ele mereceu. Obviamente, não nos damos desde então.

A Kassie ajeita distraidamente o seu longo e volumoso cabelo à Blake Lively, algo que faz cerca de quarenta vezes por hora.

— Dado que falta um mês para o baile, devíamos preparar as bancas de bilhetes na hora do almoço — sugere ela, sem saber que já tratei

disso. Mas não digo nada. Ela amua quando faço coisas sem consultar ninguém. *O comité do baile é um esforço de equipa, não uma missão a solo*, costuma dizer-me ela.

O Renner levanta uma mão indolente.

— Espera lá. Já decidimos se o jantar está incluído?

Solto um suspiro irritado, apertando ainda mais a minha lapiseira. Vejo que ele roubou uma das minhas três de reserva.

— Não, pela décima vez, o jantar não está incluído. Saberias isso se te tivesses dado ao trabalho de aparecer nas últimas duas reuniões.

— Não tenho culpa de ser época de atletismo. Lamento ter uma vida. Devias experimentar. — Ele lança-me um dos seus olhares presunçosos.

Ele acabou mesmo de insinuar que não tenho uma vida? Quero dizer… ele não está completamente errado. Tenho amigos, mesmo que não passe tanto tempo com eles como gostaria. Quando não estou a servir bolas de gelado Two Cows 'N' a Cone ou a estudar, costumo estar no meu *habitat*, a percorrer o ecrã inicial da Netflix, incapaz de decidir entre o primeiro, o segundo ou o terceiro *A Todos os Rapazes* pela milionésima vez, só para acabar por passar horas no TikTok. No entanto, preferia usar as minhas lentes uma semana seguida a admitir isso ao Renner.

— As minhas sinceras desculpas. Entre fazer o teu trabalho de presidente além do meu como vice-presidente, esqueci-me de arranjar uma vida. Mas não me importo de ficar com a tua. — Lanço-lhe um sorriso.

O Ollie, sempre o árbitro, abana o seu caderno como uma bandeira.

— Já decidimos o tema?

Aproveito a deixa para pegar no meu *tablet*, que contém dezassete *slides* mágicos sobre o baile. Está na hora de fazer explodir mentes.

Tecnicamente, eu e o Renner ficamos de propor conjuntamente um tema ao diretor Proulx. Mas, visto que o Renner tem andado a aproveitar a vida, tratei disso sem ele. Devo parecer uma maníaca por controlo. Talvez seja, mas não posso deixar o baile de finalistas nas mãos de um tipo que mostra desprezo pelos pormenores e tem uma abordagem à vida de esforço mínimo.

O Renner abafa uma risadinha com o cotovelo quando o ecrã do projetor se enche de fotografias vibrantes de monumentos icónicos.

Faço o meu melhor para o ignorar, concentrando-me nos rostos comparativamente reconfortantes de todos os outros.

— Imaginem. Os convidados precisam de um passaporte para entrar no baile. Vamos poder viajar pelo mundo inteiro numa única noite mágica. Em vez de uma refeição à mesa, vamos ter postos com todo o tipo de pequenos aperitivos. Comida chinesa, mexicana, etíope, italiana. E há tantas possibilidades para a decoração. Pensei em todos os monumentos mais famosos em cartão, fios com luzinhas, tule cintilante…

Quando a minha apresentação acaba quinze minutos depois, toda a gente bate palmas lentamente, exceto o Renner. A Kassie está a segundos de adormecer no ombro do Ollie, enquanto a Nori rabisca no pulso.

O Renner agita a *minha* lapiseira como um taco. Ele parece estar a tentar resolver uma equação algébrica complexa, prestes a estourar os seus dois neurónios. Os nossos olhares cruzam-se por um momento perturbador, antes de ele simplesmente soltar:

— Não.

Pisco os olhos.

— *Não?*

A Nori, a Kassie e o Ollie ajeitam-se nos seus lugares, como se estivessem no público de um combate da UFC, aguardando ansiosamente uma batalha sangrenta.

O Renner encolhe os ombros e reclina-se ainda mais na cadeira. Está praticamente horizontal, com um ar de verdadeiro parvalhão.

— Acho que conseguimos melhor do que a Volta ao Mundo. — Ele diz a *volta ao mundo* como se fosse aborrecido e pueril, como se já o tivesse ouvido antes. Ele reforça-o ao revirar ligeiramente os olhos. Não se dá ao trabalho de completar os 360 graus.

— Que há de errado com a Volta ao Mundo? — interrogo, mantendo o meu tom calmo.

— Como é que escolhemos a comida que vamos encomendar? Os monumentos? Sou polaco e alemão. Quero *pierogi* e salsichas. Se não tivéssemos isso, ia sentir-me destroçado.

— Adoro quando tipos brancos ficam chateados por as coisas não girarem em volta deles — troça a Nori.

O Renner acena com a cabeça de forma respeitosa.

— *Touché*, mas o meu argumento continua válido.

— Não deixaremos ninguém de fora — asseguro. — Vamos questionar toda a gente sobre as suas origens e…

O Ollie levanta a mão.

— O J. T. levantou uma boa questão, Char. É meio que… invasivo andar por aí a perguntar as etnias das pessoas.

— É verdade — concorda a Kassie relutantemente. — Adoro a ideia, mas acho que é um tema demasiado vago. Vamos pensar em algo um pouco mais relaxado e divertido.

O Renner ergue a sobrancelha, num silencioso *eu bem te disse*, contente por arruinar o meu plano. É um dos passatempos preferidos dele, logo a seguir a venerar o próprio reflexo e deixar pessoas penduradas em ocasiões especiais.

Cruzo os braços, chateada. Eles têm uma certa razão. Não pensei no óbvio problema da privacidade. Mas não consigo evitar achar que rejeitaram a minha proposta prematuramente, sem considerar formas de a fazer funcionar. Traidores.

— Então o que propõe o Sr. Presidente?

Ele encolhe os ombros.

— E que tal… — Ele olha para o teto, como se a resposta estivesse lá em cima. — No Fundo do Mar?

Quero desfalecer perante tal ideia. No Fundo do Mar significa algas foleiras, máquinas de bolhas, âncoras e… peixes decorativos. Para a noite mais mágica da adolescência? Alguém me ampare.

— Não. Nem pensar. Por cima do meu cadáver.

Ele encara-me, desafiador.

— Vamos votar.